

A MULHER UNIVERSITÁRIA DO NOSSO TEMPO
UMA FISIONOMIA NOVA?

Sempre a Universidade foi defendida como guia da vida social - universidades católicas e marxistas estão de acordo em atribuir à Universidade uma função de crítica em relação aos acontecimentos e às instituições sociais, chegando mesmo a atribuir-lhe, em teoria e na prática, um papel decisivo em relação a esses acontecimentos e instituições.

Esta dimensão social da Universidade adquire hoje uma ressonância nova, revestindo-se de uma actualidade extrema.

De facto, a instituição universitária já não pode ser descrita nos termos em que o era há dez anos. O emaranhado das condições socio culturais, que transformaram a fisionomia do mundo, não deixou de afectar profundamente. Basta pensar nos elementos mais significativos dessa transformação: a entrada na política de um continente inteiro a aceleração de progresso em todas as latitudes, a problemática levantada em torno de alguns valores tradicionais da cultura, o esforço de integração numa mesma síntese cultural de valores nascidas de civilizações diferentes... Todos estes elementos conduziram, mais do que a um simples alargamento da ideia implícita na definição da missão da Universidade, a uma verdadeira mudança de referencial.

O livre acesso à Universidade deixou de ser uma reivindicação para se tornar uma condição da saúde da vida social que exige para seus dirigentes os mais capazes e não aqueles que o dinheiro ou o nascimento conduziram às instituições de cultura superior. Por outro lado, a interpenetração das ideias e dos factos no nosso tempo exige o interesse da Universidade por todos os acontecimentos sociais de modo a garantir à cultura que nela se difunde e aprofunda a dimensão de realidade sem a qual não pode satisfazer os homens do nosso tempo. Isto equivale a dizer que a Universidade tem de continuamente pôr a questão - decisiva e vital para toda a humanidade - das suas "relações dinâmicas" com a sociedade.

A Universidade, para poder ser fiel à sua missão, deve deixar de se olhar unicamente a si própria - é fundamental que entre em diálogo franco com a sociedade em que está inserida. Não há nesta afirmação nada de novo senão a importância dada, no plano da instituição cultural e social, à dimensão existencial de todo o humano. Com efeito, o "moi-avec-autrui-au-monde" alarga-se desde a definição da pessoa até abarcar todos os grupos e instituições. Assim, não se pode falar da universidade como realidade abstracta mas como "consciência-de-si-mesma-com-as-outras-instituições-sociais-no-seio-do-mundo".



Assegura-se assim à Universidade uma inserção mais autêntica no real.- não o real teórico, abstracto, conceptual, mas o real tal como se revela nas suas múltiplas ligações, complexidades, ~~as~~ deformações até. É certo que a verdade se torna mais inacessível mas a complexidade em que se manifesta mostra-a mais rica, mais variada, mais susceptível de levar à acção eficaz e de conduzir a novas criações.

Esta dimensão da Universidade tão fortemente ~~possessivamente~~ ^{reguardada} pelo mundo de hoje assume um significado muito particular para a mulher universitária no momento da História em que se desenha claramente o acordo dos mais diversos meios sobre a missão social da mulher.

A missão social das mulheres - certezas adquiridas

A 15. Sessão da Comissão da Condição Social e Jurídica da Mulher das Nações Unidas, realizada em Março de 1961 é um exemplo particularmente esclarecedor da afirmação anterior.

É certo que havia entre as delegadas presentes vestígios das antigas correntes feministas para quem a mulher só tem valor humano como réplica perfeita do homem. Mas esta ~~atitude~~ encontrou um obstáculo na convicção perfeitamente adquirida e demonstrada por numerosos factos sociológicos de que "há actividades para as quais a mulher está especialmente preparada" ² e de que "os interesses tradicionais ~~da mulher~~ e que não se pode negar o grande valor" estão sobretudo orientados para as actividades que respondem às necessidades vitais da comunidade. ³)

É importante salientar o significado e a amplitude destas convicções expressas num meio em que se encontravam os interesses políticos mais diversos, as grandes confissões religiosas, as camadas sociais mais diferenciadas através das suas representantes qualificadas. A maior parte das delegadas tinha mais de 20 anos ao serviço das outras mulheres quer no plano nacional quer internacional, quer em organizações governamentais quer não-governamentais.

Não se trata de responder a uma questão filosófica (haverá uma natureza especificamente feminina) ~~ou estamos apenas perante a verdade que Simone de Beauvoir procurou demonstrar: "a mulher não é - faz-se"?~~ Não se trata tão pouco de responder a uma questão teológica (qual será a vocação da mulher no Plano Redentor de Deus?). ⁴) Trata-se apenas de concluir dos inumeráveis estudos sociológicos realizados e do próprio testemunho das mulheres presentes na Comissão a existência de uma preferência da parte das mulheres pelo humano pessoal e social, pelo concreto, pelo real - tal preferência conduzindo a uma apreensão existencial dos valores e a uma acção directa na sociedade.



É muito curioso conhecer como tal preferência se revelou no próprio da Comissão das Nações Unidas, que nascera do desejo de tornar a mulher igual ao homem! É certo que durante os primeiros anos da sua existência a Comissão limitou praticamente a sua acção à reivindicação dos direitos políticos da mulher. Mas uma vez este problema considerado resolvido à escala mundial (59 países deram à mulher direitos políticos sem limitações desde a Conferência de S. Francisco!) a Comissão deparou com problemas de outra natureza, nascidos em parte da maioridade política das mulheres e onde a questão da sua natureza e missão específicas se tornou o problema sub-jacente a todos os outros.

Assim, a Comissão estuda actualmente nas suas reuniões anuais extensos relatórios elaborados por peritos sobre questões tão variadas como:

- o acesso das mulheres à educação (debatendo o tema de um curriculum adaptado à maneira de ser feminina);
- a orientação profissional das mulheres e as exigências da Economia nacional (considerando como uma violação da liberdade humana a pressão exercida sobre as mulheres em certos países para as encaminhar para as profissões científicas e técnicas que elas não parecem escolher deliberadamente)
- as condições do trabalho das mulheres (em especial as duas faces da chamada legislação de protecção à mulhere casada e mãe);
- a participação da mulher na "planificação do mundo" (a importância da legislação fixando uma idade mínima para o matrimónio, que é progressivamente mais elevada à medida que cresce o grau de civilização)
- a contribuição das mulheres para os programas de assistência técnica (notando-se o seu papel insubstituível nos programas relativos à promoção da mulher e à melhoria das condições da família e da comunidade)...

Resolvido o pressuposto da liberdade humana fundamental estas e outras questões acentuando a missão específica da mulher na sociedade surgem necessariamente. É-se então obrigado (como aconteceu na Comissão das Nações Unidas!) a deixar cair os preconceitos feministas (ou anti-feministas! - tudo depende do avanço do país em que vivemos...) para considerar uma questão muito mais ampla do valor humano das atitudes e modos de ser femininos. Para se poder encontrar soluções humanas para os problemas que se põem às mulheres em escala mundial, não se pode negar nada do que é humano na mulher e muito menos os valores específicos que ela traz à comunidade dos homens. Reconhecido esse valor humano surgem com mais clareza as linhas de definição da missão própria que lhe cabe realizar na sociedade bem como a delimitação dos contornos das tarefas concretas em que essa missão se exprime e que ela, de sua livre vontade, pode escolher. É-se assim levado a afirmar sem equívoco que "a igualdade não significa uma identidade absoluta de situações que são específicas necessariamente mas sim reconhecimento de todos os valores humanos característicos das mulheres." **b)**





E vai-se tão longe nesta afirmação q̄ não se hesita mesmo em propor

Estas tendências reveladas internacionalmente abrem o caminho a um estudo sociológico ~~em grande escala~~ sobre a missão da mulher na sociedade. É interessante que em países onde ~~o ponto singular da igualdade absoluta já foi totalmente atingido se assiste a uma reversão no sentido social.~~ Assim na Sessão a que nos temos referido foi proposta pela delegada da Polónia a criação de um Instituto científico internacional destinado a fornecer dados exactos sobre a situação da mulher: "as funções e os serviços realmente prestados pelas mulheres e os principais factores que influenciam a sua vida e a sua missão na sociedade". 7)

XXX -> intercalar o texto da folha

O aspecto interessante e novo de tudo o que foi dito anteriormente é a verificação de que estas tendências sociologicamente reveladas não fazem senão confirmar, com o peso da realidade vivida, os dados fundamentais que a especulação teórica tinha fornecido na literatura científica e filosófica publicada nos últimos 20 anos sobre a missão da mulher. Com efeito, não sabemos já que a mulher olha o mundo como um ser que tem necessidade dos seus cuidados, ~~pede seu amor?~~ Não é verdade que as angústias e as aspirações dos homens a tocam muito mais fortemente do que as ideias abstractas ou as realizações puramente técnicas? Não é verdade que "na mulher é a vocação maternal que é essencial e a participação no domínio sobre o mundo vem em segundo lugar e incluída, de certo modo, na sua vocação de mãe"? 9)

Uma possibilidade nova para a mulher universitária

Este reconhecimento universal nos meios competentes de uma atitude ~~específica e plenamente humana~~ da mulher no mundo, no momento em que a Universidade toma uma consciência mais aguda da sua dimensão social, abre novas perspectivas à mulher universitária.

Um encontro autêntico com o real, um diálogo constantemente estabelecido, uma ~~procura de respostas válidas às mil questões~~ postas pela sociedade, uma abertura ao mundo e a todos os seus problemas, um cuidado ~~actuante pelo humano individual e colectivo~~ - eis os dados da Universidade de hoje que não podem senão fornecer um ambiente adequado à realização da mulher na sua "própria" forma própria de ser e de existir".

Este ambiente veio dar novo significado à tão debatida questão da relação entre a mulher e a cultura. De tudo o que sobre o assunto se tem publicado, parece poder concluir-se que é sociologicamente certo o facto já empiricamente observado - o papel da mulher na transmissão da cultura é decisivo e insubstituível, enquanto a sua acção no acto de criação da cultura se orienta sobretudo para os aspectos que reveste a vida quotidiana dos povos. Em vez de condenar a sua aparente incapacidade criadora na hora em que o progresso técnico parece ser o único valor admitido, o mundo de hoje olha com apreciação nova a atitude específica da mulher perante a cultura. (Não é talvez indiferente a essa reacção o justificado ainda que inconsciente temor dum descalabro total da civilização actual e a convicção de que só a mulher



poderá assegurar-lhe a continuidade.) O mundo de hoje reconhece que a cultura encontra na mulher uma tendência inata a irradiá-la, a propagá-la a fazer viver dela outras pessoas e mesmo comunidades inteiras - reconhece que a cultura na mulher implica sempre uma dimensão social.

Numa Universidade em que se reconhece unânime às três funções de ordem cultural "uma projecção imediata de ordem social", as características psicológicas da mulher são não já relegadas por inúteis mas requeridas em toda a sua força e autenticidade. Deixarão de ser valor que se ignora ou despreza, no sentimento vago de um complexo de inferioridade imperfeitamente reconhecido, para se tornarem a resposta própria, amadurecida e livre, das mulheres conscientes de si mesmas e do significado da sua missão no mundo de hoje.

Assim, a cultura da mulher universitária moderna estará necessariamente orientada para o real, para a sociedade, para as necessidades prementes dos homens e dos grupos - tudo adquirirá perante ela uma fisionomia humana na solicitude perante o mundo a amar, nos serviços a prestar para além de todas as barreiras. A mulher interessar-se-á então vivam e profundamente pelos estudos ou pelo trabalho concreto a que se dedicar porque eles se terão tornado a seus olhos instrumento da capacidade de dom que em si existe e condição do amor que a humanidade lhe merece.

No seio da Universidade

Fundação Cuidar o Futuro

Dos elementos referidos atrás podem extraír-se numerosas conclusões quanto à atitude especial das raparigas na Universidade. Deixarei esse trabalho para os leitores e leitoras... Mas não quero deixar de frisar alguns exemplos particularmente oportunos na situação actual da Universidade aquém e além fronteiras.

Enquanto estudante, a rapariga universitária pode exercitar o seu sentido dos outros mantendo um papel moderador e equilibrado (naquela "sabedoria" instintiva para a "coisa pública" que estudos recentes reconhecem à mulher, mesmo analfabeta...) face aos extremismos de revolta ou conservantismo. Esta sua missão é hoje de um significado enorme numa Universidade cada vez mais sujeita às pressões políticas e às paixões ideológicas. A sua verdadeira maioria como mulher e portanto como pessoa humana revelar-se-á não numa solidariedade manifestada pelos mesmos modos e meios da população masculina (restos de um complexo feminista ainda não compensado...) mas na descoberta da sua própria missão para a solução dos conflitos e o esclarecimento das situações.

A consciência do seu próprio valor como pessoa humana aliado ao conhecimento das exigências agudas postas à Universidade na hora actual levá-la-á a orientar-se para os ramos de conhecimento e especializações em que os valores humanos são vitalmente postos em causa. Saberá assim emancipar-se das duas tendências igualmente funestas: a que a leva a seguir o caminho mais fácil "porque mais acessível às mulheres" e a que a leva a procurar uma igualdade com os homens no plano exclusivo da inteligência. Descobrirá que o que habitualmente se intica



É interessante notar que estamos perante uma tendência verdadeiramente mundial. Assim - Os países comunistas não cessam de encorajar portodos os meios a tomada de consciência da missão comum que cabe às mulheres, apoiando-se na expressão portodas as formas repetidas de que "a mulher pode criar a nova sociedade de amanhã". É uma profesora de Moscovo que no dia internacional das mulheres ali realizado diz: "...devemos sempre lembrar-nos que a nossa tarefa essencial, a nossa elevada missão, é formar o novo homem soviético, trabalhador e honesto, um homem de coração grande animado por um ideal elevado, um criador da nova sociedade comunista"...

No mundo muçulmano (600 milhões de pessoas!) está em acção toda uma poderosa ^{tendência} doutrínaria que, baseada numa nova interpretação do Corão, procura despertar as mulheres, defender os seus direitos, interessá-las por uma acção colectiva cujo objectivo último, através da transformação do "status" da mulher, é a transformação da sociedade e de todas as estruturas que a compõem.

Pelo mundo fora, as mulheres estão agrupadas em organizações gigantes cujos programas de acção cobrem praticamente todos os domínios da vida social e cultural - os Conselhos Nacionais das Mulheres, o Conselho Internacional das Mulheres, a Internacional de Open-Door, a União Mundial das Mulheres do Meio rural, a Associação das Mulheres do Pacífico e do Sudeste Asiático, a criação da Associação de todas as mulheres africanas...

Nos últimos dois anos as reuniões sucederam-se sem interrupção: seminários de formação em Salzburgo sobre "o papel das mulheres na era atómica"; encontro em Copenhague com mais de 1000 participantes de muitos países sobre "os progressos realizados pelas mulheres nos últimos 50 anos"; encontro no Cairo sobre "a missão da mulher asiática e africana"; na Colômbia sobre "a participação da mulher na vida pública e na vida política"; em Addi-Abeba reunindo mulheres de todos os ^{territórios} países africanos sobre "a participação da mulher na vida pública"; em Bucarest sobre "a situação da mulher do direito familiar"; no Japão um seminário sobre "a contribuição das mulheres para a geração seguinte"...

Ao plano das grandes organizações internacionais, tais como as agências especializadas das Nações Unidas, a vida da mulher e a sua inserção na sociedade constituem preocupação permanente e tema de estudos rigorosos, testemunhando o reconhecimento duma forma de existência própria da mulher e dum desejo de a ajudar a realizar plenamente essa missão.

Como "próprio para raparigas" não é senão uma diminuição da sua própria missão em funções rotineiras, despersonalizadas mas bem remuneradas, enquanto a igualdade com o homem no plano da inteligência e da capacidade de realização a deixará ainda com a consciência de que há alguma coisa mais que ficou por desabrochar...

Podemos ainda dizer que enquanto elemento integrador da Universidade a rapariga de hoje encontra uma particular personalidade na consciência aguda que a Universidade tem da sua missão social. Com efeito, na sua preocupação pelo "outro", a mulher encontra a dimensão social da Universidade. No seu desejo inato para educar e transmitir os valores fundamentais da vida, a rapariga encontra uma Universidade cada vez mais preocupada com a "formação duma nova elite". Na sua ligação às coisas imediatas, no seu desejo e real possibilidade de encontrar soluções concretas, por vezes espantosamente práticas, ela partilha a missão de "inovação na sociedade" que cabe à Universidade de hoje. No seu sentido do humano, ela faz-se eco do papel mediador da Universidade entre um mundo dominado por relações meramente técnicas e os valores humanos fundamentais. No seu interesse e sua capacidade de afecto por todo o ser humano qualquer que seja a sua condição social, ela encontra uma Universidade cada vez mais consciente do papel que lhe cabe na educação das camadas socialmente menos favorecidas. Na sua fidelidade aos valores religiosos mais profundamente enraizados na alma humana, ela é como que a garantia espiritual de uma Universidade que, embora profundamente enraizada no social e por ele responsável, não faz da sua preocupação social um estandarte em defesa do "princípio da realidade" e do "temporal" contasse mas que, pelo contrário, integra essa preocupação na harmonia de uma formação espiritual em que todo o esforço é dirigido em última análise para a vinda do Reino que nao é deste mundo.

Após a Universidade

Após a Universidade, toda uma nova perspectiva se abre à mulher. A sua missão educadora que a tradição e os preconceitos reduziam a meia dúzia de funções ~~\$\$\$~~ aparentemente indiferentes à evolução e progresso do mundo pode hoje alargar-se e afirmar-se. O mundo em evolução é um mundo a educar, um mundo em que cada vez mais é fundamental ensinar aos homens os valores essenciais da vida. (E talvez que esta afirmação revista uma particular acuidade no nosso País.)
~~Esta ~~\$\$\$~~ tarefa tem de ser realizada a todos os níveis da vida social.~~

De resto trata-se de uma tarefa a que é reconhecida importância crescente na terminologia oficial relativa à participação da mulher na vida pública. Na verdade um longo caminho foi percorrido desde o tempo em que se considerava a "vida pública" unicamente como "vida política" no sentido restrito do termo. Hoje dá-se-lhe um conteúdo muito mais rico: define-se a "participação na vida pública" como compreendendo ao mesmo tempo a administração dos negócios do país e a participação nas formas organizadas de actividade da comunidade", isto é, "a participação nas organizações não-lucrativas, nos programas sanitários, educativos e outros, destinados a elevar o nível de vida da comunidade".

Uma consequência prática decorre imediatamente da definição anterior: numerosas funções, até há pouco consideradas como "marginais" tornaram-se de repente tarefas fundamentais para o desenvolvimento da sociedade. Fizeram-se sentir novas necessidades, criaram-se novas estruturas, novas possibilidades de trabalho não esperam senão ser experimentadas. A própria sociedade criou essas possibilidades adequadas de modo particular à personalidade feminina e essenciais para o progresso dos homens. A experiência da última década, particularmente enriquecida pela entrada em bloco das mulheres asiáticas e africanas na vida social veio confirmar aquilo que há dez anos ~~foi~~ fora possível formular ~~num plano teórico~~ num plano teórico: "E parece-me bem que na medida em que a civilização se aperfeiçoar, na medida em que a ^{Universidade} passar a exercer seriamente a missão de orientadora da vida social, a presença da mulher se vai tornando mais necessária, pela descoberta de funções onde ela pode, melhor do que o homem, contribuir para o engrandecimento dos povos".

Neste alargamento das instituições sociais, a mulher de hoje (e em primeiro lugar a mulher universitária) encontrará mais facilmente a forma original e concreta de dar à sociedade a sua contribuição específica. Dar-se conta deste alargamento, responder-lhe por uma iniciativa pessoal consciente, livre e poventura audaciosa aos olhos da maioria é antes do mais viver com o seu tempo, sentir o seu ritmo de desenvolvimento, ser livre e capaz de viver na sua plenitude e capaz de assumir ou conquistar todas as dimensões dessa liberdade nova num mundo novo.

Fundação Cuidar o Futuro

